



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1554 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

?OS EXCLUÍDOS DO INTERIOR? - A ESCOLA SOB O OLHAR DOS ALUNOS QUE ESTÃO EM SITUAÇÃO DE DISTORÇÃO IDADE/ANO: UM ESTUDO DE NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

Marianna Jannuzzi da Silva Lopes - UNESA - Universidade Estácio de Sá

O estudo procurou identificar e analisar através de narrativas dos alunos que estão em situação de distorção idade/ano a forma como eles concebem a escola e sua função social a partir de estudos das Representações Sociais. Para a coleta de dados optou-se por dividir a pesquisa em três etapas: na ETAPA I, foram aplicadas dinâmicas de forma coletiva com as turmas; a ETAPA II se baseou em entrevistas individuais; a ETAPA III consistiu na técnica de indução de metáforas. A amostra da pesquisa foi composta por 33 alunos de sexto/sétimo anos e oitavo/nono anos pertencentes às Classes de Aceleração. Os resultados indicaram divergências e recorrências entre as narrativas dos menores e dos maiores. Apontamos como diferenças questões ligadas à funcionalidade do programa. Como ponto comum observamos o sentimento de pertença ao grupo. A metáfora “ser empurrado” foi utilizada pelos entrevistados para representar a aprovação automática. Sugerimos que para os alunos a prioridade da escola é o “fluxo escolar” sobrepondo a aprendizagem, estes em sua maioria sentem que são aprovados sem aprender. O que se pôde registrar é que a estrutura escolar vivenciada por estes estudantes os incomoda, e que eles se sentem mais excluídos do que atendidos.

Autor - CPF: 060.801.866.08

“OS EXCLUÍDOS DO INTERIOR” - A ESCOLA SOB O OLHAR DOS ALUNOS QUE ESTÃO EM SITUAÇÃO DE DISTORÇÃO IDADE/ANO: UM ESTUDO DE NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

Resumo

O estudo procurou identificar e analisar através de narrativas dos alunos que estão em situação de distorção idade/ano a forma como eles concebem a escola e sua função social a partir de estudos das Representações Sociais. Para a coleta de dados optou-se por dividir a pesquisa em três etapas: na ETAPA I, foram aplicadas dinâmicas de forma coletiva com as turmas; a ETAPA II se baseou em entrevistas individuais; a ETAPA III consistiu na técnica de indução de metáforas. A amostra da pesquisa foi composta por 33 alunos de sexto/sétimo anos e oitavo/nono anos pertencentes às Classes de Aceleração. Os resultados indicaram divergências e recorrências entre as narrativas dos menores e dos maiores. Apontamos como diferenças questões ligadas à funcionalidade do programa. Como ponto comum observamos o sentimento de pertença ao grupo. A metáfora “ser empurrado” foi utilizada pelos entrevistados para representar a aprovação automática. Sugerimos que para os alunos a prioridade da escola é o “fluxo escolar” sobrepondo a aprendizagem, estes em sua maioria sentem que são aprovados sem aprender. Os entrevistados em sua maioria acreditam que são menos capazes na aquisição de aprendizagem em relação aos outros alunos da escola. Pensam que os professores os julgam como “burros” e por isso o conteúdo ministrado para a turma é inferior, bobo, fácil e incompleto. O que se pôde registrar é que a estrutura escolar vivenciada por estes estudantes os incomoda, e que eles se sentem mais excluídos do que atendidos.

Palavras-chave: Representações Sociais; Classes de Aceleração; Narrativas.

Introdução

O discurso proclamado na Modernidade de “Educação para todos” tornou-se lema em diversos momentos históricos, mas o ideal de educação de Comenius, que consistia em ensinar tudo a todos, não vem sendo totalmente atingido na escola pública brasileira. Libâneo (2012) sugere que a busca por este imperativo, contribuiu para um dualismo perverso nas escolas, em que encontramos para os ricos a escola que promove o acesso a conhecimentos e para os pobres uma instituição que objetiva o acolhimento social dos alunos.

Em uma visão histórica a escola tem como principal função, embora não a única, a transmissão de conhecimento, contudo nos últimos anos esta vem passando dificuldades em cumprir este papel social.

O sistema educacional brasileiro foi pouco eficiente em sua capacidade de produzir aprovados e, conseqüentemente, concluintes na idade correta.

Até os anos 1990, a escola pública brasileira assegurava seus níveis de aprendizagem com o custo de altas taxas de reprovação (RIBEIRO, 1991). Com o objetivo de evitar tal fato, foram implementados programas governamentais baseados na ideia de que reprovar o aluno sucessivamente não contribui para o melhor aprendizado do mesmo, podemos citar os programas: Progressão Continuada e Aceleração de Estudos. (BRASIL, 2013)

As turmas de aceleração de estudos segundo o artigo 49 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica destinam-se a estudantes com atraso escolar, àqueles que por algum motivo, encontra-se em descompasso idade /ano, por razões como ingresso tardio, retenção, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem ou outras (BRASIL, 2013). É um programa que visa corrigir a defasagem entre a idade e o ano que os alunos deveriam estar cursando. É considerada uma estratégia pedagógica que tem como objetivo a adequação do fluxo escolar e é entendida também como uma questão política, pois a partir dela surgem planos educacionais determinados.

Compreender os sentidos e os significados de escola atribuídos por estes estudantes é mais uma possibilidade na tentativa da superação do fracasso escolar. Elucidar a percepção de escola elaborada pelos entrevistados deste projeto pode nos revelar os significados e sentidos da escola para estes sujeitos contribuindo para melhor compreensão de um dos aspectos da reprovação, evasão, indisciplina, erro e insucesso escolar dos mesmos.

Método

A pesquisa teve como lócus uma escola municipal localizada na cidade de Juiz de Fora-MG. A amostra da pesquisa foram alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, pertencentes às Classes de Aceleração da instituição supracitada. A coleta de dados foi dividida em três etapas.

A ETAPA I foi aplicada de forma coletiva e consistiu em duas fases respectivas: 1) discussão da poesia “Escola é” de Paulo Freire; 2) Leitura e debate do livro “Quando a escola é de vidro” da autora Ruth Rocha.

A ETAPA II se baseou em entrevistas realizadas individualmente e que incluiu também duas fases: 1) contato inicial, realizado através de entrevista semiestruturada; 2) entrevista episódica, alicerçada pela aplicação de cenários, neste contexto utilizou-se três estórias de imagens construídas com base em acontecimentos que fazem parte do cotidiano escolar destes alunos. As estórias eram elucidadas para o entrevistado e em determinado momento este deveria continuá-las.

A ETAPA III consistiu no mecanismo de indução de metáforas. Utilizamos como recurso uma caixa de objetos, nesta ocasião o sujeito teve contato com uma caixa que comportava a imagem de diversos objetos: tartaruga, carro, planta, bombom, limão, cubo mágico, palavra cruzada, tesoura, algema e corda. A escolha dos objetos se deu através da análise do discurso dos alunos durante as primeiras etapas da pesquisa. Após análise dos objetos, duas questões eram postas para que o mesmo respondesse e as justificassem: Questão 1: Se a Classe de Aceleração fosse um destes objetos, qual ela seria? Por quê? Questão 2: Qual objeto representa melhor a escola para você? Por quê?

Resultados

Ao ponderarmos as locuções ocasionadas a partir da leitura da poesia “A escola é..” de Paulo Freire, foi perceptível que para todos os entrevistados a escola precisa ser reformulada para agradá-los, porém no que diz respeito a uma das funções sociais da escola, explicitada através do verso “escola é lugar de fazer amigos”, a maioria dos estudantes concordou com o educador. Durante as interlocuções em torno do papel do professor foi notória a representação que os alunos desta turma fazem em relação as suas aprovações na escola, ficou explícito que eles sentem que foram aprovados sem aprender, segundo eles “foram empurrados”. O modelo tradicional como as aulas são ministradas foi evidente, mostrando-nos total insatisfação e cansaço por parte dos alunos. Os alunos revelaram ao longo da dinâmica que sentem que são tratados como inferiores, pois estão nas turmas de aceleração. Alegaram que os conteúdos são diferentes e que os professores pensam que eles não têm capacidade de aprender. Os conteúdos ensinados para os alunos foram julgados como: bobo e fácil porque são incapazes de aprender o que é lecionado nas outras salas. Caracterizaram as matérias como inúteis.

Ao discutirmos com as turmas, o livro “Quando a escola é de vidro” da autora Ruth Rocha, observamos argumentos críticos em torno da manutenção das salas e no aspecto relacionamento professor/aluno. Captamos através da análise das falas dos alunos que em determinados momentos eles se sentem excluídos e diminuídos na escola, por fazerem parte do programa. O discurso dos alunos revelou algumas práticas exercidas pelos docentes que contribuem para o sentimento de incapacidade dos mesmos e que comprovam que os professores não acreditam no potencial dos alunos. Percebemos que a Aceleração de estudos é concebida de forma positiva por alguns alunos, estes alegaram que nessas turmas se sentem inteligentes, pois conseguem executar as tarefas solicitadas pelos professores, outros discorreram a

respeito de não estarem no meio de alunos “*tão pequenos*”, pois só o fato de anteriormente serem os maiores da sala, para eles representava incapacidade. Porém quando refletiram sob a funcionalidade do projeto as conclusões foram negativas, alegando novamente que estavam sendo “empurrados” para saírem da escola de forma ligeira.

Em um primeiro contato individual (ETAPA II) com os alunos pretendíamos desvendar como os alunos concebiam os motivos pelos quais estavam participando do programa. Todos alegaram que estavam na Aceleração de Estudos porque haviam sido reprovados, foi explícito como estes se culpam por estarem em tais condições, eximindo a responsabilidade social e da escola na colaboração para o baixo desempenho dos mesmos.

A segunda fase da ETAPA II foi calcada na construção de cenários, esta oportunizou aos entrevistados que dialogassem a respeito de seus sentimentos através de uma personagem.

O primeiro cenário ilustrava a estória de uma aluna que havia sido reprovada por duas vezes e como consequência foi matriculada na Turma de Aceleração. Ao analisarmos os resultados deste episódio entre as turmas, encontramos como ponto comum as características descritas pelo entrevistado a respeito do estudante das Turmas de Aceleração: segundo eles o projeto é composto por alunos repetentes e com dificuldade de aprendizagem. Todos os discentes identificaram de forma positiva a presença de alunos com dificuldade em suas salas, tal fato contribui para sua identificação com o grupo.

Ao relatarmos o segundo cenário que narra a estória de uma aluna regressa da Turma de Aceleração e que através do projeto havia conseguido alcançar a sua classe de origem apuramos que para os alunos de ambas as turmas reencontrar os antigos amigos pertencentes às suas classes de origem é algo positivo. Em relação à crença em suas capacidades intelectuais após frequentarem as Turmas de Aceleração observamos divergências nos discursos. Os alunos da Turma 1 acreditam que o programa contribuiu para suas aprendizagens e que são capazes de obterem um bom desempenho em turmas regulares, porém os entrevistados da Turma 2 pensam que o programa os desfavoreceu, uma vez que os conteúdos foram dinamizados.

O terceiro cenário narra a estória de uma aluna que decidiu interromper os estudos após diversas reprovações e resultados insatisfatórios na escola. Ao prosseguirem o episódio narrado, a maioria dos sujeitos disseram que ao abandonar a instituição escolar a protagonista perdeu as chances de ter um futuro melhor. Apreendemos que as questões relacionadas à identidade estão ligadas diretamente ao tipo de emprego que irão possuir. Na concepção dos sujeitos não frequentar a escola significa se transformar em “um nada”, como se o estudo fosse condição para a aquisição de uma identidade.

Os resultados da ETAPA III do estudo foram analisados através da correlação: imagem (metáfora) – justificativa (discurso). No que diz respeito à concepção de turma de aceleração percebemos que os sujeitos de ambas as turmas utilizaram na maioria das vezes as imagens: da tartaruga e do relógio para representarem o programa. Ao escolherem a tartaruga como referência observou-se que as justificativas se embasaram na característica comum com o animal: lentidão e estar sempre atrás, perdendo. O relógio foi expresso com a intenção de simbolizar o tempo, segundo eles, este ilustra o tempo que perderam sendo reprovados. A imagem de uma casa foi eleita como a figura que melhor representa a escola para os sujeitos, percebeu-se que as relações escola-casa estavam na maioria das vezes ligadas a questões de atividades mecânicas desenvolvidas nos âmbitos, estruturais, disciplinares e de acolhimento. Sugerimos também que o projeto “Aceleração de Estudos” contribui para o sentimento de pertença do sujeito em um determinado grupo da escola, o que os conduzem a associar tal instituição a uma casa.

Discussão/ Conclusão.

Constatamos que os entrevistados de ambas as turmas concebem as Classes de Aceleração como “lugar de alunos reprovados”, as crenças da nossa sociedade em torno do “repetente” são na maioria das vezes calcadas na ausência de êxito nas capacidades intelectuais do indivíduo, portanto participar de uma turma composta apenas por reprovados seria expor de forma inegável para todos os envolvidos no processo que, estes discentes possuem baixo desempenho escolar, esta situação cria representações em torno do objeto, o que resulta em práticas excludentes de toda a comunidade perante a classe.

Ao analisarmos as interlocuções dos alunos maiores a respeito de suas aprovações, concluímos que os mesmos consideram que estas não estão diretamente ligadas às suas competências. A metáfora descrita por eles “**ser empurrado**” ilustra a percepção que os mesmos fazem da escola, ao pensarmos nessa questão ligada à função social da escola para os estudantes, sugerimos que tais acontecimentos nos levam a crer que o papel desta instituição na vida deles aproxima-se do assistencialismo, conduzindo a aquisição do conhecimento para um segundo plano. Tal funcionalidade já havia sido apontada por Libâneo (2012), onde o autor sugere que a escola é dual em seus objetivos: para os pobres é a “escola do acolhimento” e para os ricos a “escola do conhecimento”.

Portanto uma prática promovida por programas governamentais interfere diretamente na construção das representações de escola dos participantes, o que por sua vez afeta a maneira como alguns alunos agem neste espaço.

A funcionalidade do programa sob a ótica dos sujeitos sofre alteração à medida que estes crescem, sendo assim, acreditamos que ao se desenvolver o indivíduo amplia a sua trajetória e as redes de vivências, com isso debate a respeito de questões que envolvem a temática, a partir de tais realizações passa a enxergar a realidade de forma mais crítica. Ao crescer o aluno percebe que o programa não é realizado apenas com o objetivo de ajudar, este entende que existe um interesse por trás desta contribuição. Constatamos que à medida que os alunos crescem suas ilusões e perspectivas em relação à escola e ao programa sofrem declínio, tal fato contribui para a baixa autoestima, afetando de modo direto em suas representações, implicando em hábitos excludentes por parte dos mesmos.

No que diz respeito ao trato docente/discente os resultados das análises sugerem que determinadas expressões mencionadas pelos professores são incorporadas pelos alunos da Turma II de forma negativa, causando descrença em suas capacidades intelectuais. Ao refletirmos a respeito das falas dos alunos (S14) “*Lógico, ué! Eles pensam que nós não conseguimos, eu me sinto assim*” e (S40) “*Eles falam que nós não vai a lugar nenhum*” sob a convicção dos docentes em relação ao desempenho limitado dos alunos do programa, fica nítido que as representações dos professores são expressas através de suas práticas e falas durante as aulas e que estas interferem de modo direto nas representações que os estudantes fazem de si.

Ao caracterizarmos os conteúdos ministrados nas Classes de Aceleração como: fáceis, inúteis e inferiores constatamos que os sujeitos se colocam em posição de exclusão na instituição escolar. As estratégias de dinamizar e reduzir o currículo são concebidas pelos estudantes como crença na incapacidade dos mesmos, o que reforça e contribui para a representação de inabilidade daqueles que fazem parte do programa.

Ao analisarmos o símbolo da tartaruga utilizado por eles para representar as Turmas de Aceleração percebemos que a associação estabelecida pelos sujeitos tem a ver com vivências passadas, pois só constatam que a turma é lenta, atrasada, porque comparam o presente com experiências anteriores. Os alunos também aproximam suas características pessoais com as da tartaruga, sendo assim, o grupo atua na construção de sua identidade pessoal tendo como referência tal imagem. Somos influenciados não apenas pelo tempo que vivemos, mas também pelos lugares aos quais pertencemos, o tempo e o espaço são povoados por indivíduos e grupos sociais, todas as nossas dependências e pertencas ajudam a moldar nossa identidade.

A maioria dos participantes simbolizaram a instituição escolar através da imagem de uma casa. Ao igualarem a escola com a casa percebemos que tal semelhança tem maior proximidade em relação às atividades mecânicas desenvolvidas no âmbito, em casa eles: arrumam a cama, lavam louça, fazem comida e na escola: copiam, decoram e obedecem a regras. Percebemos que em ambos ambientes são passivos às normas.

Consideramos que a função social da escola se funde com a funcionalidade do programa. Em uma visão utópica e distante da realidade por eles descrita a incumbência da escola seria de contribuir para um futuro melhor e impulsionar a busca por um status social diferente, porém diante do que relataram o papel que melhor se encaixa para a escola é o do assistencialismo, pois interpretam a progressão automática como um artifício para tirá-los do ambiente, a aprendizagem não é concebida como objetivo principal, segundo os sujeitos o importante é que o aluno cumpra independentemente de suas dificuldades as etapas educacionais e que este fluxo aconteça satisfatoriamente. Ao incorporarem que a ideia principal não é aquisição de conhecimento, o aluno se portará de forma diferenciada neste ambiente.

Constatamos que algumas particularidades apontadas como solução política para a reprovação em massa, pouco contribuiu para a inclusão dos estudantes no processo educacional. Percebemos que em determinados momentos que o efeito é contrário, a população que antes era excluída por se caracterizarem como incapazes de serem aprovados, ao participarem da “Aceleração de Estudos” se reafirmam como excluídos e inferiores.

O que se pôde registrar é que a estrutura escolar vivenciada por estes estudantes os incomoda, e que estes se sentem mais excluídos do que atendidos, reforçando as teses de Bourdieu e Champagne, (1997) e Freitas (2002) de que com as políticas de combate à reprovação em massa a população que antes era excluída do sistema educacional passou a se manter em seu interior ainda que seus resultados acadêmicos insatisfatórios caracterizem uma forma de exclusão social branda e velada.

Findado o estudo extraímos uma questão a ser repensada: As classes de Aceleração são de fato uma “pedagogia” da inclusão ou da exclusão? Os resultados sugerem tópicos positivos e negativos descritos pelos participantes. Uma solução para o enfrentamento do problema seria fazer das questões assertivas o ponto de partida para o trabalho com as turmas, porém encontramos a barreira de uma representação social que precisa ser modificada para alterar as ações de alunos, professores e responsáveis. Através do presente trabalho encontramos a contribuição nas interlocuções dos estudantes para refletirmos e reelaborarmos nossas práticas e convicções acerca dos programas de aprovação automática.

Na situação de desvantagem há alunos reais, excluídos e diminuídos em sua autoestima. Os alunos prejudicados têm rosto, nome, sonhos, história - não são números ou índices (SAMPAIO, 2000). Estes fazem parte do ambiente escolar e se veem como um “problema” que a escola precisa resolver, o projeto Aceleração de Estudos da forma como vem sendo concebido e difundido funciona como uma “catapulta”, uma solução para fazer com que estes alunos retirem-se da escola de forma rápida, sem a preocupação na aquisição de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, 2013. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192 .